

Padrões variáveis de concordância verbal em redações escolares e a avaliação do professor: uma análise sociolinguística

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar, a partir dos pressupostos da teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), os fatores linguísticos e extralinguísticos que promovem a presença e ausência da marca flexional de número de 3ª pessoa e problematizar a relação existente entre esse fenômeno e a avaliação de professores de Língua Portuguesa. Para isso, montamos um corpus composto por redações de alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas cidade de Uberaba (MG) para análise da concordância verbal (CV) e aplicamos um questionário aos professores de Língua Portuguesa dessas duas escolas, no qual tiveram que responder, por escrito, seis questões abertas. Em uma análise geral do questionário, percebemos as atitudes linguísticas, oriundas de crenças, em relação à variação linguística, evidenciando que o ensino de língua portuguesa está distante de um ensino reflexivo e de uma pedagogia da variação linguística (FARACO, 2007). Os resultados das análises da CV nas redações mostraram que 35 não apresentam marcação morfológica de plural nos verbos, contabilizando um índice de não concordância verbal de 10,6%, enquanto que 89,36% apresentam a marcação de plural, no qual nos mostra que os alunos conhecem os mecanismos que prescreve a norma gramatical.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância verbal. Variação linguística. Avaliação do professor.

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística é uma área da Linguística cujo aporte teórico-metodológico parte do pressuposto de que a variação e a mudança é um fato inerente das línguas, sendo sistemática e suscetível de descrição científica. Dessa forma, a variação linguística faz parte do funcionamento da língua, proporcionando, ao falante, escolhas de diversas formas de expressar o mesmo significado referencial, como observamos no fenômeno de concordância verbal, em que estão evidência duas variantes: a ausência da marcação de plural nos verbos (os meninos fala□) e a presença de marcação de plural nos verbos (os meninos falam). De acordo com Coelho e colaboradores (2015),

[...] a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta-se, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico (COELHO et al., 2015, p. 59).

A concordância verbal é uma regra prevista pelas gramáticas normativas, como podemos ver em Cunha e Cintra (2013), em que os autores conceituam a concordância verbal como “[...] a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo [...] a variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 510). No entanto, as pesquisas, até o momento, demonstraram que a variação de concordância de número no português brasileiro se dá de maneira uniforme de norte a sul e de leste a oeste (cf. SCHERRE, 2005), presente na fala da maioria dos brasileiros. Sobre isso, Vieira e Pires (2012) dissertam.

A disparidade entre o que recomenda a tradição gramatical e o que os brasileiros efetivamente aplicam como regra de uso sugere que a presença ou a ausência de marcas morfológicas de 3° pessoa do plural sinaliza variedades, registros e modalidades diversos, que, em conjunto, constituem uma complexa rede variável e configuram genericamente o que é intitulado Português do Brasil (PB) (VIEIRA; PIRES, 2012, p. 169).

Apesar de encontrarmos ausências de concordância tanto na fala, quanto na escrita e não apenas por falantes não escolarizados, a escola, assim como todas as instâncias de poder, buscam eliminar definitivamente todas as estruturas sem concordância. A escola parece eliminar com reprovações, punições com nota baixa e estigmatizando a variedade dos alunos, prejudicando seu desempenho de aprendizagem da língua portuguesa e corroborando com estereótipos e crenças linguísticas.

Este trabalho contempla a problemática dos princípios empíricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (2006), no qual discutem a importância do estudo da avaliação na mudança linguística.

mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 103).

Para Labov (2008 [1972]) é possível classificar os diversos elementos envolvidos na mudança linguística segundo o tipo de avaliação social que eles recebem. Labov (2008 [1972]) classificou como indicadores, marcadores e estereótipos. Os primeiros são traços linguísticos encaixados em uma matriz social, indicando diferenciação entre os falantes, mas que não possuem nenhum padrão de alternância estilística e não possuem muita força avaliativa. Os marcadores, embora possam estar a baixo do nível da consciência, produzem reações regulares em testes de reações subjetivas, possuindo mais força avaliativa que os indicadores. Por último, os estereótipos “[...] são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 360).

Os falantes atribuem valores a um fenômeno variável, prestigiando ou estigmatizando um uso linguístico, como é com o caso do fenômeno aqui escolhido: a concordância verbal. Muitos estudos já demonstraram que a variante explícita de plural é a variante de prestígio e a variante zero de plural, quando percebida, é julgada pela tradição e pelos falantes como índice de não saber falar português (cf. SCHERRE; NARO, 2006).

Algumas construções linguísticas são bastante estigmatizadas por pertencerem a grupos de camadas de baixa renda e de pouca escolaridade, com o argumento de que tais construções são “erradas” por não pertencerem a “variedade padrão”. De acordo com Milroy (2011), a “variedade padrão” tem sido equiparada à “variedade de maior prestígio”, no entanto, o prestígio elevado não é definidor do que constitui um “padrão”.

Com efeito, não é difícil argumentar que as variedades de língua realmente não têm prestígio em si mesmas: tais variedades adquirem prestígio quando seus falantes têm prestígio elevado, porque o prestígio é atribuído pelos seres humanos a determinados grupos sociais e a objetos inanimados ou abstratos [...] O prestígio atribuído às variedades linguísticas (por metonímia) é indexador e está envolvido na vida social dos falantes (MILROY, 2011, p. 53).

Sob essa perspectiva, partindo dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, o presente trabalho buscou verificar as normas variáveis de concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações, contexto de alto grau de monitoração estilística, de alunos do 3º ano do Ensino Médio, em duas escolas públicas da cidade de Uberaba- MG, a fim de problematizar a relação existente entre esse fato variável e a avaliação dos professores. Para isso, foi construído um corpus composto por redações de alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de Uberaba (MG) para análise da concordância verbal CV e, posteriormente, foi aplicado um questionário aos professores de Língua Portuguesa dessas duas escolas, no qual tiveram que responder, por escrito, seis questões abertas.

Embora outros estudos já tenham sido realizados, há ainda muito o que problematizar, principalmente, no âmbito do Português Mineiro da cidade de Uberaba. Dessa forma, investigar esse fator variável nas redações de alunos de Uberaba é relevante, pois, além de contribuir para informações sobre o Português Mineiro, também possibilitou problematizar a maneira como o professor avalia os textos dos alunos que apresentam essa omissão da marca de concordância.

1. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Tendo em vista a análise da regra variável de concordância verbal, o presente estudo pauta-se no aporte teórico metodológico da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2003; 2008 [1972]), uma vez que permitem compreender os fatores que influenciam a regra variável.

Como vimos na seção anterior, a variação faz parte do funcionamento da língua, de modo que proporciona ao falante escolha de diversas formas, também conhecidas como "variantes", de expressar o mesmo significado referencial. Segundo Mollica (2013), as variantes são as formas alternativas que configuram um fenômeno variável. Por exemplo, as variantes “os meninos foram” e “os meninos foi” concorrem para expressar a variável “concordância verbal na 3ª pessoa do plural”. Portanto, a variável, neste caso a variável dependente, é o lugar na gramática onde se localiza a variação (COELHO et al, 2015).

A partir dos pressupostos básicos do estudo da variação, as variáveis independentes, conhecidas também por condicionadores ou fatores, influenciam ao uso de determinadas variantes. Segundo Coelho e colaboradores (2015), condicionadores

[...] em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)” (COELHO et al., 2015, p. 20).

Esses condicionadores (fatores ou variáveis) são divididos em condicionadores linguísticos e condicionadores não linguísticos. Os grupos de fatores linguísticos ocorrem em diferentes níveis linguísticos: lexical, fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintáticos, sintáticos e discursivos. A título de exemplo: a saliência fônica é um condicionador interno que vai atuar para que ora haja desinência ora não, na variável “concordância verbal”. Há forças agindo internamente na língua que faz com que o falante escolha uma variante (dentre outras) para expressão de um mesmo significado referencial desta variável. Dessa forma, assim como as variáveis dependentes se situam em diferentes níveis, os grupos de fatores, que atuam sobre elas, também vão se situar.

Os extralinguísticos, no entanto, podem ser, por exemplo, grau de escolaridade, faixa etária dos falantes, sexo, classe social, dentre muitos outros. Conforme assinala Alkmin (2008)

No ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa a sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. e segundo a situação em que se encontrar. Por exemplo: um brasileiro, nascido em Recife, apresentará, sempre, vogais pretônicas abertas como em [r εaʊ] “real”, mas ainda a depender de sua escolaridade, da origem rural ou urbana, utilizará o verbo “assuntar” ou “prestar atenção” e, a depender da situação, dirá “Fui nada” ou “Fui não” (ALKMIN, 2008, p. 39).

A partir dessas reflexões, para este trabalho, foi montado um corpus composto por redações de alunos¹ do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas, da região urbana, da cidade de Uberaba- MG. Paralelamente a esta etapa, foi aplicado um questionário aos professores de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio das duas escolas². Os professores foram convidados a responder por escrito seis questões abertas, em que se buscou compreender o que entendem como um “texto bem escrito”, a relação “gramática” (fenômenos gramaticais) e produção textual e a avaliação do texto. Após essa etapa, foram realizados os seguintes procedimentos.

- a) A análise qualitativa (de conteúdo) das respostas dadas pelos professores;
- b) A seleção e a quantificação das ocorrências de concordância verbal terceira pessoa do plural e seu quadro social;
- c) A correlação dos resultados de (a) e (b) acima descritos.

Em relação à etapa (b), para análise das ocorrências de concordância verbal, investigou-se fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar o uso dessa expressão. Adotamos como variável dependente a relação de presença ou ausência de CV. As variáveis independentes, i.e.: os fatores linguísticos (estruturais) e sociais (extralinguísticos) investigados: (i) gênero: algumas pesquisas apontam que apresentam mais a variante explícita as pessoas com mais anos de escolarização e as do sexo feminino (SCHERRE; NARO, 1998); (ii) material interveniente: verificar a presença de sintagmas entre o núcleo o sujeito e o verbo; (iii) posição do sujeito em relação ao verbo: Scherre (2005) identifica que a presença do sujeito e a sua posição em relação ao verbo têm forte influência no tipo de variante nas formas verbais; (iv) saliência fônica: para Scherre (2005) e Silva (2008) o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural dos verbos analisados aumenta as chances concordância verbal, aumenta as chances da variante explícita de plural.

Para a análise quantitativa, utilizou-se o programa Goldvarbe, que “[...] é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

2. ANÁLISE DOS DADOS

2.1. Concordância Verbal

Após a montagem do corpus descrita na seção anterior, coletamos os casos de “ausência e presença da marca de concordância verbal” em orações de terceira pessoa do plural. As 27 redações aplicadas aos alunos do 3º ano do Ensino Médio renderam 329 (trezentos e vinte e nove) ocorrências de sujeito em terceira pessoa do plural, com ou sem marca explícita de concordância, como podemos ver em (1) e em (2).

(1) Eles permaneceram lá por 45 dias e passaram por muitos lugares, muitas cidades e conheceram um pouco da cultura de cada um [A06, F, 17, AB]

(2) ele viu uma menina Linda e queria impressionar ela e foi no brinquedo que elas estava [A07, M, 18, AB]

Em (1), o verbo aparece com a marcação de plural “-m”, concordando com o sujeito pronominal “eles” da oração. Já em (2), o verbo estar aparece sem a marcação de plural, não concordando com o sujeito pronominal “elas”, configurando um caso de ausência de concordância verbal.

As ocorrências são distribuídas de acordo com os critérios apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Ausência vs. Presença da marca de Concordância Verbal

	(f)	%
Presença de Concordância Verbal	294	89,36
Ausência da Concordância Verbal	35	10,64
Total	329	100,00

Fonte: própria autora.

Como podemos observar na Tabela 1, (f) apresenta o total absoluto de ocorrências, seguido da porcentagem. Das ocorrências levantadas, 35 (trinta e cinco) não apresentam marcação morfológica de plural nos verbos, contabilizando um índice de não concordância verbal de 10,6%, enquanto que 89,36% apresentam a marcação de plural, no qual nos mostra que os alunos conhecem os mecanismos que prescreve a norma gramatical. A realização da concordância verbal é alta no corpus, embora os resultados apontem para um caso de variação na modalidade escrita. Vieira e Pires (2012), ao analisarem 400 (quatrocentas) redações de vestibular, que renderam 2516 (duas mil quinhentas e dezesseis) ocorrências de concordância verbal de terceira pessoa do plural, obteve um percentual de 7,5% de não realização morfológica de concordância verbal, confirmando o uso da regra prevista pela norma gramatical pelos estudantes dos anos finais do ensino básico.

Labov (2003) propõe três categorias de regras linguísticas a depender de suas características, como por exemplo, o percentual de frequência de determinada

variante. Uma regra, portanto, é considerada categórica quando opera com uma frequência de 100%; semicategórica quando opera com uma frequência entre 95% e 99%; e variável quando opera com uma frequência entre 5 e 95%. Em relação a concordância, estudos (cf. VIEIRA, 1995; OLIVEIRA, 2005; SCHERRE; NARO, 2006; LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009) já demonstraram que há concretizações que vão de regras produtivamente variáveis a regras semicategóricas.

Após essa análise geral dos dados, com o auxílio do programa estatístico, verificamos quais fatores influenciam nos resultados descritos na Tabela I. Analisando o único fator extralinguístico (sexo), obtivemos os dados descritos na Tabela II.

Tabela II. Sexo vs. Concordância Verbal

	Presença da Concordância Verbal		Ausência da Concordância Verbal	
	(f)	%	(f)	%
Feminino	167	56,80	25	71,40
Masculino	127	43,20	10	28,60
Total	294	100,00	35	100,00

Fonte: própria autora.

Segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres de um mesmo grupo social, tenderiam a serem mais conservadores no que diz respeito às preferências pelas variantes padrão em relação às estigmatizadas, como se as mulheres fossem mais receptivas a normatização escolar. Alguns estudos corroboram assertivamente os estudos de Labov, dentre os quais citamos Scherre (1998). A autora identifica que as mulheres realizaram concordância nominal padrão em 77% de ocorrências, enquanto os homens realizaram em 67% dos dados. O mesmo acontece com os estudos de Vieira (2015), que atestou que as mulheres (.63; .68) tendem à maior realização das marcas de número do que os homens (.43; .37). Entretanto, outros estudos atestam contrariamente à generalização formulada por Labov (2008 [1972]), como é o caso do trabalho de Vieira (2015), que visa o cruzamento da ausência da concordância com o nível de escolaridade: na comunidade de falantes com baixa escolaridade, as mulheres lideram o uso das variantes com marca não-padrão com a porcentagem de 69,2%.

Os resultados deste trabalho atestam que as mulheres, com 56,8%, marcam a concordância, enquanto que os homens o fizeram em 43,19%. No entanto, as mulheres também lideraram no apagamento da concordância, ficando com 71,4% e os homens com 28,5%. Interessante notar que, ao mesmo tempo em que este trabalho corrobora com os postulados de Labov (2008 [1972]), em que as mulheres seriam mais conservadoras, também mostra que as mulheres são inovadoras. Tem-se verificado que a variável sexo possuem resultados mais significativos quando se correlaciona com a variável faixa etária da população e, se possível, com a história social dos informantes, desse modo, vale frisar, que as

redações foram aplicadas em duas escolas urbanas da cidade de Uberaba (MG) e que foram feitas com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de mesma faixa etária (entre 16 a 18 anos).

Além do fator extralinguístico, analisamos três fatores linguísticos: (a) Posição do sujeito em relação ao verbo. (b) Material interveniente: verificar a presença de sintagmas entre o núcleo o sujeito e o verbo. (c) Grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural. Em relação ao grupo (a), observamos os resultados descritos na Tabela III.

Tabela III. Posição do Sujeito vs. Concordância Verbal

	Presença da CV		Ausência da CV	
	(f)	%	(f)	%
Sujeito Preenchido Anteposto ao Verbo	129	43,87	13	37,14
Sujeito Preenchido Posposto ao Verbo	3	1,02	1	2,85
Sujeito Não Preenchido	146	49,65	18	51,42
Pronome Relativo – que	16	5,44	3	8,57
TOTAL	294	100,00	35	100,00

Fonte: própria autora.

Na Tabela III observamos que, quando o sujeito aparece na forma canônica do português (SVO), anteriormente ao verbo, ou seja, anteposto, existe um maior número de ocorrências com a marca de CV (43,87%). Já o sujeito não preenchido (49,65%) é um fator determinante para a não marcação do plural no verbo.

(3) Eles saíram da sua cidade bem cedo numa van Turística e andaram quilômetros até chegar na praia. [A14, M, 18, CB]

Outro ponto a ser destacado é o baixo número de ocorrências em que temos o sujeito posposto com presença e ausência da marca de CV, indicando que, na escrita dos alunos da cidade de Uberaba-MG, não é recorrente o uso do verbo como unidade posterior ao sujeito da oração. O sujeito posposto ao verbo possui apenas 4 (quatro) ocorrências nas redações, sendo que 1 (uma) delas não marcou a CV, portanto, não é um número expressivo para dizer que corroborou com os estudos variacionistas, de que a posposição do sujeito é fator condicionante de não realização da regra de CV.

No que se refere à concordância do verbo com sujeito representado por pronome relativo (QUE), 16 (dezesesseis) ocorrências manifestam o uso normativo e 3 (três) ocorrências manifestam desfavorecendo a marcação do plural, como vemos, respectivamente, alguns exemplos.

(4) Eles se sentaram em roda e começaram a trocar ideias, contar casos que aconteceram no passado com eles [A15, F, 18, CB]

(5) Depois de muitas risadas, decidiram ir para casa de uma amigas que estava lá na roda. [A15, F, 18, CB]

Os resultados representados por pronome relativo (QUE) demonstram quase total obediência às normas gramaticais e não uma produtividade no desfavorecimento da marca de CV, como se prevê nos estudos variacionistas, O mesmo pode ser visto no trabalho de Silva (2003), em que obteve 11 ocorrências, todas manifestando o uso normativo.

Para complementar a análise do último fator, verificamos ainda se a distância entre sujeito e verbo por sintagmas é um fator condicionante para a presença ou ausência da marcação da CV, conforme a Tabela IV.

Tabela IV. Material Interveniente vs. Concordância Verbal

	Presença da CV		Ausência da CV	
	(f)	%	(f)	%
Com Material Interveniente	41	13,94	3	8,57
Sujeito Preenchido Posposto ao Verbo	3	1,02	1	2,85
Sem Material Interveniente	105	35,71	13	37,14
TOTAL	294	100,00	35	100,00

Fonte: própria autora.

Em relação a essa variável, foi observada a presença ou ausência dos elementos (sintagmas) entre o sujeito e o verbo: quando há três ou mais sintagmas entre o sujeito e o verbo, consideramos como sujeito anteposto distante. Na tabela IV, observamos que, predominantemente, os alunos, em sua escrita, utilizam a forma sem material interveniente e distância do sujeito, com 105 (35,71%) e 148 (50,34%) ocorrências, respectivamente, marcando a CV, enquanto utilizaram apenas 41 ocorrências (13,94%) com material interveniente.

É perceptível que é mais comum na escrita a utilização de construções de sujeito anteposto distante, confirmando que “o material interveniente” é um importante condicionador interno que atua no desfavorecimento da CV, em que vemos que 54% das ocorrências de não marcação da CV possuem três ou mais elementos entre o sujeito e o verbo.

(6) Me disse também que conheceu pessoas de Uberaba que moram lá e que ajudaram a ela a conhecer os lugares mais legais, mas teve outros ruins, disse ela. [A05, F, 17, AB]

(7) As melhores amigas conhecerão Joãozinho, que era muito rico e tinha tudo o que desejava

(8) Depois de se diverti, cantar, dançar e rir muito, eles se cansaram, então desidiu se sentar no banco da praça. [A15, F, 18, CB]

Um ponto importante a ser analisado, em contrastes com os outros condicionadores, é o baixo número de ocorrências com material interveniente de até dois elementos entre o sujeito e o verbo:

(9) todos se olharam e prometeram nunca mais voltar lá [A10, F, 16, AB]

Esse fato pode ser justificado pelo fato de a redação aplicada aos alunos ser uma narrativa, em que os alunos estão a todo momento retomando o pronome pessoal de terceira pessoa do plural “eles” sem repeti-lo, predominando mais o sujeito anteposto distante.

Pensando em uma relação nas análises dos condicionadores internos de posição do sujeito em relação ao verbo e de material interveniente, é interessante verificar que o número de não marcação de plural cresce nos casos de sujeito preenchido anteposto ao verbo, fato que ocorre devido aos materiais intervenientes entre sujeito e verbo.

Por fim, analisaremos o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural, importante condicionador interno que atua na escolha por uma ou outra variante da CV, conforme a Tabela V.

Tabela V. Saliência Fônica vs. Concordância Verbal.

Saliência Fônica	Presença da CV		Ausência da CV	
	(f)	%	(f)	%
Grau 1	0	0,00	3	8,57
Grau 2	87	29,59	13	37,14
Grau 3	6	2,04	7	20,00
Grau 4	5	1,70	0	0,00
Grau 5	193	65,64	11	31,42
Grau 6	3	1,02	1	2,85
TOTAL	294	100,00	35	100,00

Fonte: própria autora.

Foram controladas, conforme Vieira e Pires (2012), seis fatores, seguindo uma escala do menos para o mais saliente: grau 1 (tem/têm); grau 2 (come/comem); grau 3 (faz/fazem, quer/querer); grau 4 (dá/dão, vai/vão); grau 5 (comeu/comeram, foi/foram) e grau 6 (é/são). Em seu artigo, Vieira e Pires (2012) retomam as ideias de Naro e Lemle (1977), propondo que a maior diferença entre as formas singular e plural do verbo se relaciona à maior possibilidade de realização da marcação de número e pessoa no verbo.

Podemos verificar, na tabela V, que o grau 2 possui o maior número de ocorrências no desfavorecimento da CV (13 ocorrências/ 37,14%), enquanto que o grau 6, de maior saliência, possui o menor número de ocorrências no desfavorecimento da CV (1 ocorrência/ 2,85%) e o grau 5, também de maior saliência, possui um número expressivo de ocorrências (193 ocorrências/ 65,64%) no favorecimento da marcação da CV. Desse modo, os resultados deste trabalho, estão em concórdia com os postulados de que oposição entre as formas singular e plural dos verbos influenciam na concordância verbal, apontando que os alunos, na escrita, marcam mais a concordância quando a diferença singular/plural é mais saliente. Os exemplos a seguir ilustram a influência da saliência fônica na CV.

(10) É claro que eles perceberam que muitas coisas são diferentes dos costumes que temos aqui no Brasil, mas, mesmo assim ficaram encantados com tudo o que puderam presenciar naqueles lugares [A06, F, 17, AB]

(11) eles ria e contava mais e mais situações que já lhe aconteres. [A15, F, 18, CB]

Em (10), o verbo “ser” aparece em sua forma plural, esta que difere bastante no que diz respeito à saliência fônica de sua forma singular (é/são) e está concordando com o sujeito da oração, confirmando que um maior grau de saliência fônica influencia para a marcação de plural no verbo. Já em (11), o verbo “rir”, não concorda com o sujeito “eles”; isso acontece porque esse verbo não possui grande grau de saliência fônica entre as formas singular e plural, uma vez que a oposição se dá em sílaba átona e ocorre apenas o acréscimo do elemento nasal (ria/riam), o que influencia a não concordância verbal.

2.2 Reflexões sobre as avaliações linguísticas dos professores

O estudo da avaliação linguística almeja investigar o valor social das variantes no contexto escolar de professores do 3º ano do Ensino Médio da cidade de Uberaba-MG, mediante o fenômeno de CV de terceira pessoa do plural. Como já foi sistematizado anteriormente, a ausência da CV possui um valor estigmatizado, de apreciação negativa por partes de falantes mais escolarizados. Para observarmos a visão dos professores em relação a produção escrita dos alunos e a ausência de concordância verbal, foi aplicado um questionário a 5 professores da rede pública, cujas perguntas estão expostas a seguir:

1. O que você considera ser um texto bem escrito? Por quê?
2. Qual/quais seu(s) critério(s) de correção dos textos dos alunos? Como funciona essa correção? Há alguma reescrita?
3. A concordância verbal faz parte, a seu ver, dos requisitos de uma boa produção textual?
4. Se fizer, geralmente qual o peso que tais desvios de concordância verbal têm na nota de você dá? (ou seja, você desconta muitos pontos, comente sobre isso)?
5. Quando aparece a falta de concordância verbal nos textos dos alunos, qual sua posição? Você leva este assunto para sua aula? Como?
6. Na sua opinião, os alunos do EM apresentam muitos desvios de concordância verbal nas redações redigidas? Comente.

Mediante uma análise geral feita das respostas dos professores, foi permitido verificar um conhecimento mínimo desses professores com relação as teorias da variação linguística. Apenas um informante não sinalizou como “erro” a ausência de concordância ou os desvios de outros fenômenos gramaticais.

(12) Como revisora de texto de uma gráfica que produz material didático, tive a oportunidade de ver e corrigir desvios simples. [P-C]

Em outras respostas, outro informante também sinaliza como desvios e se preocupa em colocar “erro” entre aspas.

(13) Os desvios da norma padrão sempre são corrigidos e destacados nas produções. Não desconto muitos pontos. [P-B]

(14) Os alunos já apresentam resistência em escrever, se na produção só se destaca os “erros”, eles não produzirão, [P-B]

Com respeito às atitudes expressas pelos professores sobre a variação na concordância verbal e também a outros desvios gramaticais, os professores responderam que sinalizam/apontam, corrigem, chamam atenção oralmente, mostrando que são “erros”, “falhas” e “não pertencente à norma gramatical”. Temos como alguns exemplos.

- (15) Geralmente seleciono falhas mais comuns, alguns absurdos e também bons exemplos de escrita. Eles (os alunos) enxergam melhor o erro do outro. [P-A]
(16) Alguns pontos da gramática (concordância, regência, acentuação, por exemplo) sempre que aparecem procuro aproveitá-los para mostrar-lhes o que diz a gramática normativa. [P-A]
(17) Sinalizo nas redações os erros, para que busquem o certo, mas não considero como peso maior nas notas [P-D]
(18) Sim, discuto com eles o erro, em geral para todos da sala [P-D]
(19) Algumas vezes, xeroco uma melhor elaborada e outra, com falhas. [P-E]

Faraco (2008), levando em conta o uso generalizado o termo “norma gramatical”, propõe um tratamento para a polissemia que envolve a concepção de norma. De acordo com o autor, os linguistas não são contrários ao ensino das variedades cultas, de modo que situam essas variedades no contexto das práticas socioculturais da escrita. Os linguistas, no entanto, defendem uma prática pedagógica centrada na reflexão linguística e não apenas em formas linguísticas. O equívoco aparece quando se distinguem entre: as variedades cultas (designadas pela expressão genérica norma culta), norma-padrão e norma gramatical. Norma culta/comum/standard (plano da realização) é o “[...] conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita [...]” (FARACO, 2008, p. 73).

É preciso, no entanto, afastar qualquer pré-julgamentos sobre os falantes que não têm acesso a ela, o que acontece não por serem ignorantes ou incultos, trata-se, como se viu, de uma “aproximação maior de práticas sociais do mundo letrado, o que não impede haver constante intercâmbio entre ela e as outras normas sociais” (CYRANKA, 2007, p. 53). Preti (1997) demonstra em sua pesquisa o surgimento de um novo perfil do falante culto, em que constata a existência de um dialeto social que é comum tanto a ele como aos falantes com menor grau de escolaridade

[...] um falante de um dialeto social dividido entre as influências de uma linguagem mais tensa, marcada pela preocupação com as regras de gramática tradicional, e uma linguagem popular, espontânea, distensa (PRETI, 1997, p. 17).

A pesquisa de Preti (1997) desconstrói a imagem de uma língua homogênea, que não transita em diversas normas sociais, como é o caso da imagem construída em cima da “norma-padrão”.

A norma-padrão (plano da idealização) não é uma variedade da língua, mas “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008). Por fim, a norma gramatical é a idealização por filólogos renomados e é codificada em manuais tradicionais, como gramáticas e dicionários, contemplando o que seria “[...] o conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns/standard por esses gramáticos [...]” (FARACO, 2008, p. 81).

Faraco (2002) salienta que embora a norma culta seja o que mais se aproxima da variedade padrão, as forças que atuam na variação e mudança linguística acabam abrindo entre ela e o padrão um grande distanciamento. Desse modo, é o padrão que passa a constituir a referência com o qual os falantes dão sentido à realidade linguística. Atribui-se à língua um caráter homogêneo, que em consequência, trata a variação e a mudança linguística como falhas e erros. (FARACO, 2002, p. 41).

Nas respostas apresentadas anteriormente, é possível observar que esses professores possuem uma prática pedagógica coerciva, pautada no ensino de uma norma idealizada. Esses professores possuem a crença de que existe uma língua correta e que essa língua estaria descrita nos manuais de gramática. O que a

Sociolinguística Educacional propõe para o ensino de língua portuguesa é que a escola desenvolvesse, em seus alunos, competências mais refinadas, sem se preocupar em substituir a variedade linguística que já possuem. Não é apontando “erros” e substituindo uma forma pela outra que se fará um trabalho eficiente com a língua materna, pois assim, terão prejuízos para os valores culturais dos alunos, que não se sentirão representados e, por consequência, perderão a percepção de sua identidade. De acordo com Faraco (2007),

[...] nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítica à variação social do português); não dê tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/standard no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação (FARACO, 2007, p. 46-47).

Por fim, o informante P-D desconsidera, em uma de suas respostas, a diversidade do aluno, em que traz juízos de valores sobre a forma que seus alunos falam. De fato, os alunos concretizam na escrita algumas variantes linguísticas do seu cotidiano, porém o professor não deve considerar um erro, pois assim criam-se estereótipos linguísticos, estigmatizando a variedade do aluno. Como podemos ver em (

(20) Acho também, que a linguagem, cotidiana deles também influencia muito, pois falam muito errado, trazem de casa e do meio que vivem uma linguagem própria, mas em desacordo com as normas gramaticais. [P-D]

Por meio de uma análise geral das respostas dos professores, percebeu-se que há pouco conhecimento da heterogeneidade da língua, uma vez que ficam presos ao ensino dos aspectos gramaticais. Essa análise indicou que há, ainda, uma forte influência da pedagogia do “erro”. O aparecimento de tais desvios na escrita dos alunos é uma oportunidade de o professor discutir a pluralidade da língua, de modo que a partir da análise das respostas, percebemos que não o fazem e se fazem, é de uma forma muito artificial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade como a nossa, com uma longa tradição escrita e literária, costuma-se observar uma supervalorização da escrita em detrimento da fala, construindo e reforçando mitos que envolvem esses dois usos da língua. Sobre isso, aponta Bagno (2007).

Desde épocas muito remotas, as pessoas se acostumaram a comparar a língua falada mais espontânea, menos monitorada, com a língua escrita mais elaborada, de preferência em seus usos literários. Com isso, se criou na nossa cultura uma falsa visão dicotômica, que separa rigidamente a fala da escrita, como se as duas modalidades de uso fossem absolutamente diferentes (BAGNO, 2007, p. 180).

Mesmo com muitos estudos (dentre eles o mais importante está o de Marcuschi (2001)) que vieram romper com essa visão tradicional e dicotômica dessas duas modalidades, ainda prevaleceu nas escolas que a língua falada é ilógica, caótica, descontextualizada, etc., enquanto que a escrita é considerada a única forma correta de uso da língua. No entanto, a escrita, assim como a fala, é heterogênea e nela observamos formas linguísticas inovadoras que manifesta e revela a identidade do indivíduo. É o que foi possível observar neste trabalho: houve ocorrências com a marca zero de plural nos verbos (10,6%), mesmo que a redação escolar seja um veículo de comunicação escrito e que requer um maior monitoramento. Além disso, como ficou evidente nas respostas dos professores, a prática pedagógica presente nessas escolas é uma prática coerciva, pautada no ensino de uma norma idealizada, de modo que quando aparecem desvios de CV, que não estão presentes nas gramáticas normativas, os professores tendem a corrigir e mostrar que são “erros” e que devem ser substituídos pela forma “correta”. Dizer que existe uma única forma correta na língua é reforçar preconceitos linguísticos, uma vez que não se dá legitimidade às outras variedades. Este trabalho demonstrou que o que convencionou chamar de “língua” em nossa sociedade é, na verdade, um produto social, artificial, que não condiz com o que realmente é a língua portuguesa (ou como preferem chamar, a “língua brasileira”) (BAGNO, 2007, p. 35). Na verdade, toda língua é um feixe de variedades, com suas próprias características, que servem para diferenciar outras variedades e afirmar identidades.

O professor, quando percebe qualquer tipo de desvio em relação a norma gramatical nas redações de seus alunos, não deve fazer um exercício de substituir uma forma pela outra, mas deve-se mostrar aos alunos a importância de ter consciência sobre as variedades da língua, sem que isso afete de forma negativa sua identidade linguística. O trabalho com a variação linguística dentro de sala de aula possibilitará um olhar mais crítico e reflexivo à própria língua, melhorando a competência comunicativa. Os alunos devem sim aprender a variedade culta, de prestígio, mas devem aprendê-la sem prejuízos a seus valores, porque o que os alunos levam para sala de aula é tudo aquilo que os constituem e os fazem indivíduo.

No processo pedagógico, não se trata de substituir uma variedade por outra (porque uma é mais rica do que a outra, porque uma é certa e a outra errada, etc.), mas se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor, com a herança cultural), e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias de compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões do mundo e modos de expressá-los. (GERALDI, 1996, p. 69).

Com relação à CV, os professores devem refletir que nenhum falante, nem em seus usos orais da língua como em seus usos escritos, respeita integralmente às regras de concordância prevista pelas gramáticas normativas. Além disso, devem estar cientes que os falantes, ao utilizarem variantes inovadoras, estão seguindo regras tão bem estruturadas quanto às que estão previstas pela gramática normativa, pois é isso que a Sociolinguística chama de heterogeneidade ordenada. Portanto, o que se defende com esse estudo, é que falta conhecimento por parte dos professores sobre o fenômeno da variação linguística e, por isso, os professores devem sempre estar em formação continuada, buscando refletir mais sobre a língua e o que uma avaliação negativa pode causar na vida de um outro indivíduo, aliás, quando fazemos julgamentos, não julgamos apenas a língua, mas

toda a história do falante. É claro que é importante ensinar a variedade culta, uma vez que defendemos um ensino democrático, mas vale um questionamento: o ensino dessa variedade é inclusivo ou excludente?

Topicalization phenomena: the case of constituents raising in PB

ABSTRACT

The present work aims to investigate, based on the assumptions of the theory of variation and linguistic change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), the linguistic and extralinguistic factors that promote the presence and absence of the Flexional brand of 3^o person number and problematize the relationship between this phenomenon and the evaluation of Portuguese language teachers. For this, we set up a corpus composed by essays of students from the 3rd year of high School in two public schools in Uberaba (MG) for analysis of Verbal concordance (and we applied a questionnaire to Portuguese language teachers of these two schools, in which had to answer, in writing, six open questions. In a general analysis of the questionnaire, we perceived the linguistic attitudes, arising from beliefs, in relation to linguistic variation, evidencing that the teaching of Portuguese language is distant from a reflexive teaching and a pedagogy of linguistic variation (FARACO, 2007). The results of the CV analysis in the essays showed that 35 did not present plural morphological marking in the verbs, accounting for an index of verbal non-concordance of 10,6%, while 89,36% presented the plural marking, which shows that the students They know the mechanisms that prescribe the grammatical norm.

KEYWORDS: Verbal concordance. Linguistic variation. Teacher's evaluation.

NOTAS

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Este trabalho já foi aprovado no CEP da UFTM. Serão coletadas autorizações (inclusive dos responsáveis legais) dos alunos maiores e menores de idade. Protocolo 2767 (em processo inclusão na Plataforma Brasil). Ligado ao projeto maior **“O USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM REDAÇÕES ESCOLARES”**.

³ Por questões éticas, chamaremos de escolas A e B.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Org.) Introdução à linguística. **Domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortêz, 2001. p. 21-47.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COELHO, I. Z. et al. **Para conhecer sociolinguística**. Editora Contexto. São Paulo, 2015.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG**. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

FARACO, C. A. **Norma padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (org.) **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002. p. 37-61.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. **A relevância social da linguística**: linguagem, teoria e ensino. São Paulo, Ponta Grossa: Parábola; UEPG, 2007.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GUY, G.; ZILLES, A. M. **Sociolinguística Quantitativa**. Instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LEMLE, M; NARO, A. J. **Competências básicas do Português**. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: ____; ____; RIBEIRO, I. (Org.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 49-87.

MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto. São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista**: variação estável ou mudança em progresso? Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: _____. (Org.) **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997. p. 17-27.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G (Org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. **Fórum Lingüístico**. Florianópolis, v. 1, p. 45-71, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 9. n. 18. p. 107-129, 2006.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, E. V. **Norma, variação e ensino**: a concordância verbal. Cadernos de Letras da UFF, 2008.

VIEIRA, S. R.; PIRES, J. C. P. Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular: restrições e avaliação. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 19, n.30, 2012.

VIEIRA, S. R. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares no norte fluminense. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido: 27 fev. 2019

Aprovado: 25 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.9704

Como citar: GHESSI, Rafaela Regina. Padrões variáveis de concordância verbal em redações escolares e a avaliação do professor: uma análise sociolinguística. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 111-129, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

